

O Lúdico, o Lírico e o Lucrativo -

2ª parte do Discurso de Posse no cargo de Diretor do Instituto de Letras da UFBA - em 07 de julho de 1981

Luiz Angélico da Costa
Prof. Titular de Língua e Literatura
de Língua Inglesa do Instituto de Letras da UFBA

Aqui começa a segunda parte: é a hora da esperança e da profissão de fé.

Não fossem as palavras com que pretendo sustentar a argumentação desta minha fala sobejamente conhecidas como da lavra do grande filósofo do racionalismo e do espírito crítico, poderiam os senhores supor que inicio com a citação de um mestre do paradoxo e da ironia. Com efeito, parece-me natural que assim se reaja (e assim o fizeram diversos críticos da obra de René Descartes) diante das palavras introdutórias do famoso *Discurso do Método*, que cito aqui em tradução de João Cruz Costa, Professor de Filosofia da Universidade de São Paulo:

O bom senso é a cousa mais bem repartida do mundo, porque cada um de nós pensa ser dele tão bem provido, que mesmo aqueles

que são mais difíceis de se contentar com qualquer outra cousa não costumam desejar mais do que o que têm.¹

Entretanto, não é preciso mais do que seqüenciarmos a leitura do trecho que acabo de citar para verificarmos que, sem desdouro para o paradoxo ou para a ironia - refinadas formas do pensamento artístico criador - o que aí pretendia Descartes era antes a expressão do seu permanente "desejo extremo de saber distinguir o verdadeiro do falso"², motivo pelo qual escreve:

Não é verossímil que todos se enganem; ao contrário, isto mostra que o poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se chama o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, assim, a diversidade de nossas opiniões não resulta de serem umas mais razoáveis do que as outras, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por diversas vias, e de não considerarmos as mesmas cousas. Porque não basta ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem.³

Por certo não seria o professor de Letras (muito menos em verdade o que lhes fala) aquele devidamente qualificado para discutir as refutações e aprovações ao pensamento cartesiano na sua complexidade. Nem seria este o momento oportuno, vez que, entre outras razões, à guisa de introdução, apenas aludo àquela faceta do seu pensar que a todos nos coloca na planície da condição humana, pela capacidade que temos de apreender o mundo em escala superior à dos outros animais - através do uso da linguagem. E, em colorário, o fato de que, ao distinguir assim o homem, o filósofo do "*cogito, ergo sum*" chegava igualmente à conclusão de que, citando Noam Chomsky, em minha própria tradução, "todos os aspectos do comportamento animal podem ser explicados a partir da suposição de que o animal é um autômato"⁴ E, mais importante talvez do que tudo para o motivo condutor desta fala, a advertência profética de Descartes (ainda que não a explicitasse) relativamente às ameaças que pairam sobre o destino do homem dos nossos dias. Isto, por inferência, parece-me que se pode ler por entre as palavras que se seguem, da Quinta Parte do mencionado *Discurso do Método*:

...se existisse alguma cousa que se assemelhasse aos nossos corpos e imitasse tanto quanto possível as nossas ações, haveria sempre dois meios bastante certos para reconhecer que de nenhum modo seriam homens verdadeiros. Porque nunca poderi-

am usar palavras nem outros sinais, combinando-os, como nós fazemos para expressar aos outros os nossos pensamentos, pois, embora possamos perfeitamente conceber que uma máquina seja de tal modo feita que possa proferir palavras e até possa proferir algumas a propósito de ações corpóreas que causem modificações em seus órgãos - como, por exemplo, se for tocada em algum lugar e que ela indague o que se lhe quer dizer e, se em outro, grite que a magoamos, e outras cousas semelhantes - não é possível conceber que ela possa combiná-las de outro modo para responder, com sentido, a tudo quanto se lhe disser em sua presença, como podem fazer até os homens mais embrutecidos.⁵

O que pretendo ressaltar com a citação que acabo de fazer é linha mestra do propósito explícito desta oração, qual seja o desejo de granjear a atenção dos senhores para o eco dos estudos humanísticos de Descartes, ainda que revolucionariamente, houvesse escrito o "Discours de la Méthode" em francês, desafiando a inércia do seu espaço e tempo, por cujos cânones havia de tê-lo escrito em latim. Assim, embora superfluamente, permito-me aqui lembrar que tão lúcido pensador jamais teria rejeitado o latim por puro espírito de rejeição ou mero desejo de contestação ou mudança, sem ponderáveis razões para tanto. Havia-se nutrido das letras clássicas a partir de sua passagem de oito anos pelo Colégio dos Jesuítas de La Flèche e conquanto houvesse posteriormente mudado de opinião quanto ao proveito que lhe parecera haver tirado desses estudos - já agora com a direção que lhe havia de marcar o pensamento - poder-se-á sempre dizer que a impressão daqueles estudos seria indelével e inconfundível. Isto explica talvez o interesse sempre demonstrado nos aspectos criativos da linguagem, conforme testemunha Chomsky em seu livro intitulado *A Linguística Cartesiana*.⁶

Embora Descartes faça escassas referências à linguagem em suas obras, certas observações sobre a natureza da linguagem representam papel significativo na formulação do seu ponto de vista geral. Ao longo de cuidadoso e intenso estudo dos limites da explicação mecânica, que o levaria para além da Física até a Fisiologia e a Psicologia, Descartes pôde convencer-se de que todos os aspectos do comportamento animal podem ser explicados a partir da suposição de que o animal é um autômato. No

curso desta investigação, desenvolveu importante e influente sistema de fisiologia especulativa. Mas chegou à conclusão de que o homem tem habilidades singulares que não se podem explicar em bases puramente mecanicistas, embora, em grande parte, possa oferecer-se uma explicação mecanicista das funções e do comportamento do corpo humano. A diferença essencial entre o homem e o animal demonstra-se muito claramente por meio da linguagem e, particularmente, pela capacidade do homem elaborar novas afirmações que expressem novos pensamentos e que sejam apropriados a novas situações.⁷

Configura-se claramente assim a pressuposição cartesiana de que a linguagem humana baseia-se em princípios inteiramente distintos dos que presidem à chamada linguagem dos animais, sendo esta, porque decorrente apenas de suas necessidades e do instinto, incapaz de gerar novas situações que por sua vez engendrem novas formas de expressão do pensamento gerado por aquelas situações, numa sucessão infinita e imprevisível. É aquele tipo singular de organização intelectual que não se pode atribuir a órgãos periféricos, nem precisa submeter-se ao controle de estímulos externos ou condicionamentos internos identificados como fatores independentes, nem se restringe a qualquer função comunicativa, exclusivamente de natureza prática, mas, ao contrário da pseudo-linguagem dos animais, origina-se de processos mentais que se identificam com processos linguísticos, como, em linhas gerais, nos diz Chomsky. ⁸ Logo ao início da discussão do conceito de estrutura superficial e estrutura profunda, em seu *Cartesian Linguistics*, observa que

O estudo do aspecto criativo do uso da linguagem resulta da suposição de que os processos linguísticos e os processos mentais são virtualmente idênticos, proporcionando a linguagem os meios elementares para a livre expressão do pensamento e do sentimento, assim como para o funcionamento da imaginação criadora.⁹

Logo adiante, observando já estar esta suposição da "lingüística cartesiana" presente na gramática de Port-Royal, de 1660, Chomsky esclarece, em nota, que, paralelamente às suas origens cartesianas, "a teoria da linguagem de Port-Royal, com sua distinção entre estrutura profunda e estrutura superficial, pode ser relacionada com a gramática dos escolásticos e da Renascença"¹⁰ e termina por declarar que "as tentativas subsequentes de desenvol-

ver-se um sistema de gramática universal acompanharam, em sua maior parte, as mesmas linhas de procedimento."¹¹ Como se vê, não é inoportuno repetir aqui o velho clichê: nada de novo sobre a terra. É o próprio autor quem conclui o seu trabalho escusando-se pela sua natureza fragmentária, embora, por outro lado, admitindo e precognizando que mesmo uma investigação fragmentária, como a que sabe haver apresentado, tem o mérito de indicar que

A descontinuidade do desenvolvimento da teoria lingüística muito lhe tem sido prejudicial e que um exame cuidadoso da teoria lingüística clássica, com a correlata teoria dos processos mentais, pode constituir-se em empreendimento de considerável valor.¹²

Em outras palavras, como o único, entre as criaturas terrenas, possuidor de uma linguagem diferenciada, propiciadora de novas realidades a partir da realidade primeira do contato com a natureza, o homem tem o dever, que é também o privilégio, de repensar o mundo a cada dia - através dos elos da cadeia infinita pensamento-linguagem-pensamento-linguagem enquanto homem houver, sendo esta a grande função das letras num mundo dominado pelas máquinas.

A este ponto, é meu dever esclarecer que esta fala se dirige particularmente aos companheiros de outras áreas do saber e da inquietação universitários. Sim, porque é indispensável que estejam certos de que, como todo homem de letras no mundo moderno - bem mais ainda no mundo destes dias em que vamos apenas sobreviver - não falo das letras como mero repositório do acervo cultural das diferentes nações do globo; mas sim, falo das letras menos pelo seu caráter documental do que pela natureza reinventiva que se espera das literaturas das sociedades amadurecidas. Conseqüentemente, não falo de belas letras. Falo de letras que se querem às vezes deliberadamente, propositadamente e até ostensiva e agressivamente *feias* - para que resultem depois respandescentemente belas pela força da verdade. As letras de que falo não são, portanto, aquelas remanescentes de um mau direcionamento do ensino no período colonial quando aquele procedimento, na expressão feliz de Gilberto Freyre, "quebrara no brasileiro... as relações líricas entre o homem e a natureza."¹³ As letras de que lhes falo são

a eclosão de um espírito crítico e criador que, fazendo-nos perder a atitude de superstição perante os textos, nos convida a saltar fora da cultura livresca para o mundo real e nos impele ao estudo de nós mesmos e de nossos pro-

blemas e à investigação da realidade em todos os domínios.

Segundo um dos últimos autênticos humanistas deste país, o professor e escritor Fernando de Azevedo, de saudosa memória, em sua obra *A Cultura Brasileira*, Tomo II, pág. 76 da 3ª edição, em palavras escritas há cerca de 40 anos - a propósito da criação das faculdades de filosofia, ciências e letras neste país. As letras de que lhes falo, enfim, divisavam então magníficos horizontes de estudos integrados que, infelizmente, jamais tiveram plena oportunidade de materializar-se a um nível inequívoco de excelência - já que sucessivas reformas do ensino secundário iriam progressivamente abalar os alicerces da estrutura curricular do bacharelado e da licenciatura em filosofia, ciências e letras, anulando os propósitos teóricos nominalmente desinteressados do bacharelado e a cada passo solapando as bases de uma desejada formação profissional dos licenciados rigorosamente criteriosa. Por todo o exposto acima, sem excluir outras e ponderáveis razões, é que se me afiguram inquietantes as perspectivas das letras na nova conjuntura do pensamento universitário brasileiro, em que, em nome de um pseudo neo-pragmatismo - particularmente em um país onde possíveis bens culturais de consumo ainda não são produzidos em quantidade e diversidade suficientes para atender a sua crescente demanda - começam a verificar-se equívocas manifestações de rejeição quase que absoluta da tradicional posição das letras na organização educacional do país, numa situação inversamente proporcional ao prestígio desmesurado e acrítico do período colonial. É como se de súbito - por falsas conceituações de um pensamento erroneamente considerado científico - se descobrissem abismos entre literatura e ciência, atribuindo-se àquela a condição de um lazer intelectual alienado ou procurando-se limitar as suas funções ao que indubitavelmente seriam disfunções da literatura, como, por exemplo: de um lado, o facciosismo político travestido de literatura participante (tão alienado quanto o sectarismo religioso ou o esteticismo vazio); do outro, o converter-se o fazer literário em meros atos de comunicação ou ação cultural.

A propósito da primeira daquelas disfunções da literatura, é oportuno ouvirmos a Eduardo Portella:

No espaço da literatura a ideologia é mais ideológica. Antes de ser a palpante aventura conteudística ou a simples ordem de serviço, o delírio personalista ou a contrafação demagógica, ergue-se como fenômeno instaurador, necessariamente multidimensional. Como o homem, como o poema.¹⁴

São palavras de 1978, do texto "O Homem, a Poesia,"

apresentando o livro de Pedro Lyra, *Literatura e Ideologia*. Mais significativo, porém, será lembrarmos o Portella de 1963, da fase aguda de sua participação política, em que, nada obstante, em livro declaradamente "ao mesmo tempo literário e político"¹⁵, a despeito do natural arrebatamento da mocidade e das pressões do momento, a vocação do crítico literário transparece cristalina, em palavras que confirmam aquele posicionamento, que é o de nós todos com relação a literatura e participação.

... A *poesia participante* somente é se for *participante* e for *poesia*, isto é, elaborada com os instrumentos do poema.¹⁶

A segunda daquelas disfunções, por sua vez, está mais diretamente ligada ao labor crítico do que ao evento da criação. Seria antes uma distorção do sentido do fazer literário do que propriamente uma disfunção da arte da literatura. É a conseqüência talvez da ação de quantos, no afã de caracterizar uma *ciência da literatura*, terminam simplesmente por tangenciar o fenômeno literário, poderíamos dizer - conquanto, muitas vezes, seja de inteira justiça reconhecer-lhes o brilho da inteligência e a justeza do espírito inquiridor. É o caso dos cultores de "toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras, - freqüentemente com finalidade não-literária"¹⁷, de que nos fala Antônio Cândido, no seu já clássico *Literatura e Sociedade*. E, por este entender, forçoso é reconhecermos que tais obras rigorosamente não seriam literatura - senão no sentido em que falamos da literatura médica, da literatura jurídica, ou de uma literatura tecnológica. De novo é Antônio Cândido quem o diz, e o faz muito bem, quando afirma que

Uma crítica que se queira integral deixar-se de ser unilateralmente sociológica, lingüística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento de sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra. E nós verificamos que o que a crítica moderna superou não foi a orientação sociológica, sempre possível e legítima, mas o sociologismo crítico, a tendência *devoradora* de tudo explicar por meio dos fatores sociais.¹⁸

Devoradora é aqui o elemento significante por excelência porque denuncia o caráter destruidor dessa expressão crítica monocórdica - no que tange à interpretação da obra em sua integridade.

Em suma, é o perigo inerente a toda visão exclusivista do

mundo, é a permanente ameaça que representaria o predomínio oligárquico de qualquer dos *ismos*, ou seus correlatos, em qualquer das frentes da atividade humana.

A este respeito, é muito instrutivo lembrar o que Sherwood Anderson, um dos renovadores da moderna prosa curta de ficção, escreve em *The Book of the Grotesque*, uma espécie de prefácio ficcional de seu admirável *Winesburg, Ohio*:

Que no princípio, quando o mundo era jovem, havia muitos e muitos pensamentos, mas não essa coisa que se chama verdade. O próprio homem inventou as verdades e cada verdade era um composto de muitos e vagos pensamentos. Pelo mundo inteiro encontravam-se as verdades e eram todas belas.

.....
E então surgiram as criaturas humanas. E cada uma ao aparecer arrebatava para si uma dessas verdades e algumas que eram muito fortes apoderaram-se de uma porção delas.

Foram as verdades que tornaram grotescas as ditas criaturas. O velho tinha uma teoria bastante complexa sobre o assunto. Acreditava ele que no momento em que uma das pessoas tomava para si uma das verdades, proclamava-a como a sua verdade e buscava por ela pautar a sua vida, essa pessoa tornava-se um grotesco e a verdade por ela abraçada transformava-se em uma mentira.¹⁹

É evidente que Anderson dramatiza aqui o caráter polimorfo da verdade, engajando-nos a atenção para os estreitos limites entre o verdadeiro e o falso dentro da condição humana. Mais ainda: remete-nos ao âmago da nossa consciência mítica, sugerindo, pela não-referência direta, uma certa identidade desta com a consciência lingüística da espécie humana. Note-se que Anderson fala em *pensamentos* e *verdades*, omitindo, porém, o signo *palavra*. Não é um ato lingüístico acidental: é uma escolha, com um propósito semântico-estético definido: despertar em nossa consciência histórica ocidental associações significativas com a figura do único homem que foi capaz de dizer: "Eu sou a Verdade". Falei em consciência histórica ocidental? Deveria ter dito universal. Explico-me e justifico-me, com a autoridade de Ernst Cassirer. Em sua obra *A linguagem e o mito*, o autor de *Filosofia das formas simbólicas* (3 volumes, 1923-1929) apresenta-nos interessantíssimo testemunho sobre o assunto. Cito-o na íntegra, sem comentários, pois o texto fala por si mesmo.

Este vínculo originário entre a consciência lingüística e a mítico-religiosa expressa-se,

sobretudo, no fato de que todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas providas de determinados poderes míticos e de que a palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer. Em todas as cosmogonias míticas, por mais longe que remontemos em sua história, sempre vivemos a deparar com esta posição suprema da Palavra. Entre os textos que Preuss recolheu dos índios uitotos, há um que ele pôs diretamente em paralelo com as passagens iniciais do Evangelho segundo São João e que, com efeito, na tradução apresentada, parece coincidir inteiramente com este. Diz: "No princípio a palavra originou do Pai." Por mais surpreendente que pareça tal semelhança, ninguém tentara deduzir daí um parentesco imediato, e nem mesmo uma analogia entre o conteúdo material do relato da criação primitiva e o das especulações do Evangelho de São João. No entanto, tal consonância nos coloca de outra parte diante de um determinado problema pois indica a existência necessária de uma relação indireta oculta que vai desde o mais "primitivo" balbucio no pensamento mítico religioso até as estruturas mais elaboradas, em que o referido pensamento parece passar ao campo da consciência puramente especulativa.²⁰

Mais adiante, no mesmo capítulo, que se intitula "A palavra mágica", Cassirer nos diz que

Da mesma forma, na Índia, o poder do Discurso (Vac) se antepõe ao poder dos próprios deuses.

E continua, citando o autor hindu, Taittiriya Brahm:

"Do Discurso dependem todos os deuses, todos os animais e todos os homens... O Discurso é o imperecível, é o Primogênito da Lei eterna, a mãe dos Vedas, o umbigo do mundo divino.²¹

Encerrando o capítulo, Cassirer observa que

...Esta hipótese mítica da Palavra tem significação decisiva no desenvolvimento do

espírito humano, pois importa na primeira forma pela qual se torna apreensível como tal o poder espiritual inerente à palavra; a palavra tem que ser concebida, no sentido mítico, como ser substancial e como força substancial, antes que se possa considerá-la no sentido ideacional, como órgão do espírito, como função fundamental da construção e articulação da realidade espiritual.²²

Ora, pois, companheiros, particularmente os que militam em outras áreas do saber - hoje bem mais prestigiadas do que a das letras - é precisamente disto que lhes venho tentando falar nesta minha arenga, esperando que me perdoem por haver optado por um caminho mais longo e mais complexo, quando poderia ter tomado o atalho da concisão e da simplicidade. É que o tempo todo estive provavelmente buscando o apoio e o prestígio dos doutos para ajudar-me a convencê-los desta minha verdade - não para impingí-la à sua complacência - mas com a esperança de que até possa ajudá-los a recompor as verdades de cada um dos senhores. O que lhes tento passar, enfim, é tão somente a minha verdade deste momento; melhor diria: a minha razão de hoje e agora e aqui - até porque, voltando a Descartes, bem poderia fazer minhas estas palavras:

Todavia é possível que me engane e que seja talvez um pouco de cobre e de vidro o que tomo por ouro e diamantes.²³

No entanto, seja como for, nisto, ao menos, acredito:

Que a crise do mundo atual não é senão a crise de todos os tempos: da condição humana, para ser mais exato, ou ainda mais precisamente, da maneira de estarmos no mundo - a partir do momento em que nos damos conta de que, chegando sós ao mundo, nele não estamos sós, ainda que nunca nos seja mais aguda e penetrante a solidão do que em meio à "multidão solitária";²⁴

Que o ponto de crise é o ponto de rutura do necessário equilíbrio que deveria estar sempre presente entre as três imanências da condição humana: o lúdico; o lírico e o lucrativo;

Que as três não podem deixar de coexistir na consciência do homem, este pobre animal permanentemente atravessado pela nostalgia da divindade de que procede - qualquer que seja a sua tradição religiosa;

Que as três hão de estar e atuar juntas sobre essa consciência do primeiro balbucio ao último estertor - embora devamos reconhecer que haja e deva haver algum critério de prioridade (ou pelo menos de preponderância cíclica nas manifestações de cada uma delas);

Que as três efetivamente comandam as ações em ciclo - na vida dos homens e das sociedades;

Que o lúdico brota naturalmente das necessidades do ser infante, assim como do instante seminal da organização das sociedades primitivas - como instrumento de exploração do mundo natural e de auto-exploração do homem como um ser psico-fisiológico;

Que o lírico é o dasabrochar da consciência atônita da juventude, seguido do florescer da maturidade - quando homens e sociedades reencontram suas origens;

Que o lucrativo é o frutificar da consciência de que temos uma função no mundo, porque homens e sociedades, começando como estórias, temos todos no fim que ser História;

Que, em conclusão, estas três imanências da condição humana - o lúdico, o lírico e o lucrativo - conferem a homens e sociedades a necessária competência para explorar as diversas formas de conhecimento do mundo - só cabendo preponderância meramente circunstancial a qualquer uma delas: pois, ao contrário, é de sua integração harmônica que se faz o homem integral, a sociedade integral: em que, lúdico - igual a lazer construtivo e ordenador, que é arte, lírico - igual a subjetividade contemplativa, e transfiguradora, que é ficção e poesia, e lucrativo - igual a objetividade indagativa e produtora, que é ciência, unem-se para promover o bem comum, que não estará necessariamente na igualdade de todos, mas há de estar imprescindivelmente na oportunidade para cada um.

Este, senhoras e senhores, é o compromisso de nós todos que fazemos do pensamento a nossa norma de ação significativa, como conseqüência de um entendimento profundo do valor da palavra como instrumento primeiro de comunicação entre o homem e o mundo, entre o homem e a divindade.

Poderão dizer os senhores, todavia, que este é o momento da predominância do conhecimento científico, no sentido de capacitar o homem a dominar a natureza para seu serviço. E eu lhes direi: que seria da investigação científica sem o instrumental da linguagem para seu registro? E poderia acrescentar que científico é todo estudo que se opera sistematicamente e se persegue até as suas origens mais remotas, conforme concordava Mathew Arnold, em seu vigoroso ensaio "Literatura e ciência";²⁵ concluindo que, por esta medida, o humanismo autêntico é tão científico quanto o estudo das ciências da natureza.

Muitos hoje dirão, com o filósofo social ²⁶, que o homem não se distingue primordialmente dos brutos pela sua capacidade de pensar (como queria Descartes), mas por ser o único entre os animais capaz de armazenar os alimentos para sua subsistência.

E eu lhes direi: de que vale armazenar alimentos para o futuro, se o homem permitir que a terra se torne um incomensurável deserto? Em qualquer fronteira, a palavra de ordem deveria ser

sempre produzir, mais e mais, para melhor distribuir.

Dirão alguns que um minuto de avanço tecnológico vale mais do que um século de refazer poético. E eu lhes perguntarei: para quem estamos construindo a civilização tecnológica? Para as máquinas? Ou para deuses astronautas? E a estas perguntas não darei resposta.

E outros dirão que é preciso chegarmos rápido às estrelas, antes que se poluam as águas do último rio do globo e, ao invés de brotarem na terra os dez mil narcisos silvestres²⁷ dos Wordsworths deste mundo, no céu exploda o trágico cogumelo do antimundo.

E eu lhes indagarei: e se no fim tudo for verdade? Quero dizer, se tudo não passar de imemorial mentira? Não sei o que responder. Mas sei que só é verdadeiramente perecível o que não foi incorporado pela consciência criadora. E sinto e sei que William Faulkner estava certo - quando disse em seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel de Literatura, em 1950:

I believe that man will not merely endure:
hé will prevail. He is immortal, not because
he alone among creatures has an inexhaustible
voice, but because he has a soul, a spirit
capable of compassion and sacrifice
and endurance. The poet's, the writer's
duty is to write about these things.

E concluindo seu discurso:

The poet's voice need not merely be the
record of man, it can be one of the props,
the pillars to help him endure and prevail.

Vale a pena ouvi-lo novamente - em palavras aproximadas:

Acredito que o homem não resistirá tão
samente: ele prevalecerá. Ele é imortal, não
porque é a única entre as criaturas que tem
uma voz inexaurível, mas porque tem uma
alma, um espírito capaz de compaixão e
sacrifício e persistência. É dever do escritor,
do poeta, escrever sobre estas coisas.

.....

A voz do poeta não há de ser tão somente o
registro do homem; pode ser um dos esteios,
dos pilares que o ajudarão a resistir e
prevalecer.

Sim, William Faulkner estava certo. Porque a voz do poeta é a
palavra em ação: ação simbólica - porque significativa de que o

poeta é a criatura em quem melhor se harmonizam aquelas três imanências da condição humana, o lúdico, o lírico e o lucrativo - porque o poeta é sempre criança, porque o poeta é sempre jovem, porque o poeta é sempre o mais velho,

Porque o poeta arma e rearma,
 pensa e repensa,
 sente e ressentido,
 vira e revira
 o mundo
 como se o descobrisse
 a cada amanhecer.

Quem sabe um dia poderemos entregar o destino do mundo aos poetas?!... Antes... ou depois... Esta, amigos, é a profissão de fé - de um professor de letras.

NOTAS

1 Descartes, René. *Discurso do método*. Tradução, prefácio e notas de João Cruz Costa. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d., p.39-40.

2 Ibid., p.40.

3 Loc. cit.

4 Chomsky, Noam. *Cartesian Linguistics: A Chapter in the History of Rationalist Thought*. New York and London, Harper and Row, 1966, p.3. All aspects of animal behavior can be explained on the assumption that an animal is an automaton.

5 Descartes, op.cit., p.122-3.

6 A tradução do título do já mencionado livro de Chomsky e as dos seus textos transcritos nas notas subsequentes são de minha autoria.

7 Chomsky, op.cit., p.3. Although Descartes makes only scant reference to language in his writings certain observations about the nature of language play a significant role in the formulation of his general point of view. In the course of his careful and intensive study of the limits of mechanical explanation, which carried him beyond physics to physiology and psychology, Descartes was able to convince himself that all aspects of animal behavior can be explained on the assumption that an animal is an automaton. In the course of this investigation, he developed an important and influential system of speculative physiology. But he arrived at the conclusion that man has unique abilities that cannot be accounted for on

purely mechanistic grounds, although, to a very large extent, a mechanistic explanation can be provided for human bodily function and behavior. The essential difference between man and animal is exhibited most clearly by human language, in particular, by man's ability to form new statements which express new thoughts and which are appropriate to new situations.

8 Ibid., p. 29.

9 Ibid., p.31. The study of the creative aspect of language use develops from the assumption that linguistic and mental processes are virtually identical, language providing the primary means for free expression of thought and feeling, as well as for the functioning of the creative imagination.

10 Ibid., p.97, nota 67. The Port-Royal theory of language, with its distinction between deep and surface structure, can be traced to scholastic and renaissance grammar,...

11 Ibid., p.31. Most subsequent attempts to develop a schema of universal grammar proceed along the same lines.

12 Ibid., p.73. The discontinuity of development in linguistic theory has been quite harmful to it and that a careful examination of classical linguistic theory, with its accompanying theory of mental processes, may prove to be an enterprise of considerable value.

13 Apud Azevedo, Fernando. *A cultura brasileira*. 3ª edição, Tomo 2. São Paulo, Melhoramentos, 1958. Tomo 2, p.45, onde escreve o autor: Até essa época, o ensino dos colégios de padres, escreve Gilberto Freyre, devastando a paisagem intelectual em torno dos homens, para só deixar crescer no indivíduo idéias ortodoxamente católicas, quebrara no brasileiro, principalmente no da classe educada, não só as relações líricas entre o homem e a natureza...como a curiosidade do saber, a ânsia e o gosto de conhecer, a alegria das aventuras de inteligência, de sensibilidade e de exploração científica; aventuras do descobrimento das coisas do mundo.

14 Portella, Eduardo. O homem, a poesia. In: Lyra, Pedro. *Literatura e ideologia*. Petrópolis, Vozes, 1979, p.13.

15 Conforme escreveu Edmundo Lys na sua coluna Porta de Livraria, apud texto de *O Globo*, Rio, 29.10.1963, transcrito na orelha do livro *Literatura e realidade nacional*, do mesmo Eduardo Portella. Rio, Tempo Brasileiro, 1963.

16 Ibid., p.83.

17 Cândido, Antônio. *Literatura e sociedade; estudos de teoria e Universitas* (30): 33-48, maio/ago. 1982

história literária. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.p.9.

18 Ibid., p.8.

19 Anderson, Sherwood. *Winesburg, Ohio*. New York, Viking, 1975. p.24-5. That in the beginning when the world was young there were a great many thoughts but no such thing as a truth. Man made the truths himself and each truth was a composite of a great many thoughts. All about in the world were the truths and they were all beautiful.

.....
And then the people came along. Each as he appeared snatched up one of the truths and some who were quite strong snatched up a dozen of them. It was the truths that made the people grotesques. The old man had quite an elaborate theory concerning the matter. It was his notion that the moment one of the people took one of truths to himself, called it his truth, and tried to live his life by it, he became a grotesque and the truth he embraced became a falsehood.

20 Cassirer, Ernst. *Linguagem e mito*. Tradução de J. Guinsberg e Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972. p.64-5.

21 Ibid., p.66.

22 Ibid., p.79.

23 Descartes, op.cit., p.42.

24 Tradução do título do livro de Reismann, David. *The Lonely Crowd*.

25 Arnold, Mathew. Literature and Science. In: Trilling, Lionel, Ed. *The Essential Mathew Arnold*. London, Chatto & Windus, 1949. p.410-1. "I call all teaching scientific," says Wolf, the critic of Homer, "which is systematically laid out and followed up to its original sources. For example: a knowledge of classical antiquity is scientific when the remains of classical antiquity are correctly studied in the original languages." There can be no doubt that Wolf is perfectly right; that all learning is scientific which is systematically laid out and followed up to its original sources, and that a genuine humanism is scientific.

26 Obviamente, Karl Marx.

27 Alusão ao poema "I Wandered Lonely as a Crowd," de William Wordsworth.

SUMMARY

This discourse purports to be a modest contribution to the necessary examination of the present stage of the relationships of letters with science in the modern world - particularly in the current phase of technological development - beginning with a general review of the functions of language with a basis upon some fundamental presuppositions of Chomsky's "cartesian linguistics". The underlying intention is to support a most personal point of view of the author's, for whom here all human behavior—of individuals and societies, on their advance towards self-affirmation in their historical time and space—results from the well-balanced, harmonious action of that which the author denominates the 3 (three) pieces of immanence of the human condition: the *ludique*, the lyric, and the lucrative.

RÉSUMÉ

Ce discours prétend être une contribution à l' indispensable examen du stage actuel des rapports entre les lettres et les sciences dans le monde moderne - particulièrement au moment de l' actuel développement technologique - à partir d' une révision des fonctions du langage basée sur des préalables fondamentaux de la "linguistique cartésienne" de Chomsky. L' intension profonde du travail est de soutenir un point de vue très personnel de l' auteur qui envisage le comportement humain en général - des individus et des sociétés dans leur progression vers l' auto-affirmation à leur époque et dans leur espace historiques - en tant que résultat de l' action équilibrée et harmonieuse de ce que l' auteur appelle les trois immanences de la condition humaine: le ludique, le lyrique et le lucratif.